

**Resenha:** *Fim por Nomear* de Sandra Santos. Edição de autor. 116 páginas.

**Reseña:** *Fim por Nomear* de Sandra Santos. Edición de autor. 116 páginas.

### Resumo

Esta resenha tem como intuito, a partir de uma leitura da obra *Fim por nomear*, permear a questão da autoria e sua intrínseca relação com o elemento artístico. São inegáveis, a partir de um estudo dos poemas da obra em destaque, o predomínio de um espelhamento entre autor e obra, e, conseqüentemente, a variação em contínua força motriz, elemento, aliás, contumaz aos jogos de ambigüidade, e por isso, a condição por nomear – tanto na vida quanto na arte – estar sempre em aberto. Assim, à luz dos próprios contornos com um tom biográfico da autora, prima-se pela travessia de sua obra, ou melhor, pela sua estética, sobretudo, no que condiz às camadas subjacentes, que embora revelem uma unicidade em sua abstração, reacendem a memória literária e a vivência de si como tradição em suas múltiplas possibilidades de sentido.

**Palavras-chave:** Sandra Santos, poesia, estética biográfica, duplicidade, sentido em aberto.

### Resumen

Esta reseña aborda la autoría y su relación intrínseca con el elemento artístico. Es innegable, a partir del estudio de los poemas de esta obra, que existe un reflejo entre autor y obra; en consecuencia, una fuerza motriz continua de variación. Estos elementos, además, son inherentes a los juegos de ambigüedad y, por lo tanto, la condición por nombrar —tanto en la vida como en el arte— permanece siempre abierta. Así pues, a la luz de los contornos biográficos de la autora, la reseña se centra en recorrer su obra o, mejor dicho, su estética, especialmente en lo que respecta a las capas subyacentes. Si bien ellas revelan una unidad en su abstracción, reavivan la memoria literaria y la experiencia del yo como tradición en sus múltiples posibilidades de significado.

**Palabras clave:** Sandra Santos, poesía, estética biográfica, duplicidad, sentido abierto.

### Introdução

A partir do próprio título, a palavra “fim”, cujo indicador é de propor o estanque e o acabado, vitaliza a ideia da obra em expansão, o sentido em contínuo escape e a ambigüidade como princípio de eternidade. Logo, o que se vislumbra é a volta poética sempre em busca de um processo da criação estética que dê conta da vida, ou que pelo menos, espelhe o lado de dentro do ser, na linguagem que se recusa a um começo que não intua sempre um recomeço. Assim, de autoria da escritora portuguesa Sandra Santos, *Fim por nomear*, com sua primeira edição em 2025, revela-se nos meandros de um contínuo “ofício” do fazer poético, uma vez tratar-se já de seu terceiro livro, elemento contundente a um “fim”, até então, em permanente recusa.

Poeta, tradutora, escritora, revisora e tantas outras possibilidades múltiplas, Sandra Santos destaca-se também, além das fronteiras lusitanas, e, anteriormente ao livro *Fim por nomear*, com mais duas obras poéticas, como, por exemplo, o seu primeiro livro *Éter* (2018) e o posterior



*Silente/En Silencio* (2021). É interessante destacar que *Fim por nomear* é uma obra de versos livres, e cada qual com um título a anunciar um ritmo orgânico em busca de uma totalidade. Quem sabe, Sandra Santos, em sua busca pela compreensão existencial, revela-se nas suas obras como um todo, e seria no poema que leva o seu nome (Sandra), a imagem da referência que transcende o tempo, a fim de se chegar aos gregos, à Penélope de Homero, que na Odisseia tecia o que seria desfeito sob um impacto de um ato contínuo até o retorno de Ulisses. Como Penélope, o poema, em seus versos finais, diz sobre tanta coisa, mas também sobre o indivíduo, sua identidade e um refazer diário, já que viver não seria “afinal, ser o tecedor/ que desfaz a própria teia?” (Santos, 2025, p. 13).

## Desenvolvimento

Mediante um contínuo processo entre “tecer” e “desfazer”, infere-se que a autora, mediada pela noção do tempo que transcorre paralela ao labor e à essência da subjetividade humana, “tece”, além do espelho de si no poema Sandra, a caminhada no poema “espera”. No poema “espera”, a partir, por exemplo, dos versos “curvando-me às múltiplas versões de mim/que não vingaram/andamos pela vida largando carapaças / viajamos sem sair do lugar” (Santos, 2025, p. 14), o que se vê não seria a passividade de ter que esperar, mas, pelo contrário, instaura-se um processo em círculo ou em espiral de perpétuos recomeços.

Nessa viagem no tempo das referências, no sentido de patrimônio cultural, a fim de se compreender a vida na similitude da arte, além dos gregos, é enriquecedor também pensar no dialogismo de tantos outros autores, como o próprio poeta português Fernando Pessoa, por Bernardo Soares, em seu livro *Desassossego* (1982)<sup>1</sup>, quando diz que “cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos”. (Pessoa, 1982, p. 23).

Em convergência à “prolixidade” do indivíduo à luz de Fernando Pessoa, destaca-se o autor argentino Jorge Luis Borges (1999), em seu conto “Nova refutação do tempo”, quando expressa, de modo símile, a condição humana sob o viés desse múltiplo das formas:

O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. (Borges, p. 166, v. 2)

Assim, de modo arrebatador, sempre é o tempo que insere o “desassossego” da alma, o “despedaçar” contínuo das formas e as “múltiplas versões” do eu, e daí, o que resta é o agora, em particular, no poema “e agora”, o qual reitera que “não há escapatória/ tudo o que nos resta/ é o agora.” (Santos, 2025, p. 15). Mas o agora requer a visão “de fora”, poema sequente que sugere um afastamento de si e do tempo: “observo-me de fora/cada vez mais (de) fora/se eu não ganhar distância/posso muito bem morrer/asfíxiada.” (Santos, 2025, p. 16).

E nesse entrelace do tempo de agora e o distanciar-se para se compreender melhor, a autora, à semelhança de muitas obras que trazem em seu bojo a transparência do processo de criação, insere entre os seus poemas, rascunhos como projeção poética, ou até mesmo como registro do processo de criação, o que segundo Cecília Salles, em *Gesto inacabado*: processo de criação

<sup>1</sup> Autor-enigma, Fernando Pessoa (1888-1935) é um dos maiores poetas da língua portuguesa, além de ser uma representação central do Modernismo Português. À luz da criação de vários heterônimos, com personalidades próprias, há aquele que representa um semi-heterônimo do próprio poeta: Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros.

artística (1998), diria sobre materiais e rastros da criação “sob o prisma do movimento” (Salles, 1998, p. 20). E ainda sobre a mesma obra:

Um diário, por exemplo, lembra Klee [...] não é uma obra de arte, mas uma obra do tempo. Pode-se, portanto, afirmar que esses documentos guardam o tempo contínuo e não-linear da criação. Ao introduzir na crítica essa noção do tempo, seus pesquisadores passam a lidar com a continuidade, que nos leva à estética do inacabado. (Salles, 1998, p. 20)

E no “agora” da escrita e no “agora” da leitura, o tempo dos rascunhos, aliás, estética contumaz na forma artística da autora, ganha vida e preenche o “agora” no próprio paradoxo que insere o distanciamento para não se morrer de asfixia. E assim, por intermédio de rascunhos e de tantos outros lembretes espalhados pela casa, pelo livro e pelas páginas, revigora-se a emergência de um “agora” tomado, de fato, pelo cotidiano, e desse modo, portanto, vê-se, por exemplo, “o poder criador do acaso. Miró descreve o nascimento de telas no ato corriqueiro de limpar pincéis.” (Salles, 1998, p. 34).

Entre o acaso, à semelhança de Miró, e a memória sempre a tecer o balanço das ações do dia, a autora, sob um possível processo de metalinguagem, revela em seus versos, não só a possibilidade de uma leitura biográfica, mas os rastros do próprio fazer poético. É como se a sua poesia anteviesse a si mesma e aquilo que ela produz em seus versos fosse como os espelhos que antecipam qualquer tentativa de definição, a não ser, nada além do fato de que indivíduo e linguagem sejam o verso e anverso de uma mesma esfera.

Desse modo, infere-se que o labor poético, muitas vezes, revela o traço e os contornos do artista. Ou quem sabe pensar nas tantas outras vozes em permanente dialogismo, como é fortemente visto no poema “mundo”, quando a autora, na imagem de um acerto de contas, insere o movimento do discurso longínquo e aberto, uma vez que “o movimento é o nosso sustento” (Santos, 2025, p.25). O tempo é o “movimento” na linguagem que a autora elege, como é o caso dos seguintes versos do mesmo poema: “não será narciso a água na qual/se reflete?/não será hamlet o não-ser /que escolhe ser?/como sustentar/a insustentável leveza do ser?” (Santos, 2025, p.25).

Nos versos citados, vê-se o marco do tempo nas escolhas literárias, uma espécie de patrimônio que permeia desde a Grécia antiga, com o olhar de Narciso sobre seu “outro” na água refletido, e depois, a tragédia shakespeariana, com *Hamlet* na questão do duplo – ser ou não ser –, e mais recente, o romance, com *A insustentável leveza do ser* na duplicidade que envolve a leveza e a carga da existência humana. Ao mesmo tempo, no que se refere à forma, a ausência de maiúsculas nos nomes próprios, e ao longo de toda obra, sobretudo, nos títulos dos poemas, traz a ideia de que a autora “passeia” pelas obras como se delas extraísse a “transgressão” que cabe aos tradutores no papel de criadores.

E assim, as camadas dentro de tantas outras camadas, referências dos estudos e da própria vida, o tempo circular na rotina, e eis a faísca do sentido, do regresso no poema “regressar”, sim, regressar, “prolongar o caminho até casa/ nunca de fato chegar.” (Santos, 2025, p. 33). Ulisses da Odisseia sabia disso, e se ele “leva tanto tempo a voltar para casa é que este não é seu desejo profundo: seu desejo é o do narrador [...] Ulisses não quer voltar a Ítaca para que a história possa continuar” (Todorov, 2003, p.114). E se não houver ouvinte como bem ilustra o poema “madrugada”, “quem poderá escutar/o meu grito no silêncio?” (Santos, 2025, p. 65).

E dessa ausência de ouvinte da história que se grita, acolhe-se a autora no silêncio e na sua função de refúgio e de construção intrínseca. É como se estivesse em estado de espera, como no

poema “espera”, quando se extrai: “sou uma página em branco/ à espera/de ser estreada.” (Santos, 2025, p. 89).

Não demora muito, e a obra *Fim por nomear*, ainda em fase de espera, de página em branco, revela-se, anuncia-se no seu caminho, mas “parece não haver outro caminho por entre as inumeráveis veredas do percurso, senão permitir, por etapas, a narração da volta. E de onde se volta?” (Barbosa, 2009, p. 141). De onde se volta, eis o princípio do âmagô da transformação da forma inserida no tempo, como no caso do poema “borboleta”, quando se diz que “já não há espaço para rastejar/tornei-me borboleta” (Santos, 2025, p. 96). A forma do voo, da beleza e do símbolo de mudança na imagem da borboleta requer sempre uma dosagem de recriação contínua a partir da memória de que um dia já se foi o “outro”.

A obra *Fim por nomear* deve ser lida sob a perspectiva do tempo em sincronia com o contexto do leitor. É como se fosse um leitor-criador na refutação do sentido em cada leitura, e daí, compreender um “fim” sempre adiado para dar lugar às formas que permeiam a ambiguidade da vida e do poema: o rio, o tigre, o fogo, o duplo, o múltiplo, a lagarta, a borboleta, o éter, e longe do fim, o silêncio.

Em *Fim por nomear*, o tempo refutável e a incessante transformação abrem caminho para a participação do leitor na vida do poema. Autor e leitor, sob a possibilidade de um acordo íntimo, ultrapassam a ideia da obra fechada e de um sentido unívoco. A metáfora da borboleta, por exemplo, é um convite a ir além de seu esgotamento de sentido no que condiz à transformação definitiva do rastejo ao voo, ou o que vale dizer, de sua “própria saturação metafórica” (Barbosa, 2009, p. 23). A ideia é sempre voltar, quando necessário, às formas anteriores, e delas, entender que a beleza do voo mira ainda a imagem do rastejo.

## Conclusão

Em suma, a obra de Sandra Santos universaliza a linguagem poética no convite à multiplicidade dos sentidos. Propõe a possibilidade da intertextualidade sempre recorrente no que tange à ideia de que “o passado está em seu presente, assim como também o futuro” (Borges, 1999, p. 389, v. 1). É como, por exemplo, em particular, no seu poema “círculos”, quando diz que “a vida completa círculos (invisíveis) sobre si mesma/não deixa nada solto/apenas liberto” (Santos, 2025, p. 97).

A imagem do círculo, como eternidade do tempo em sua relação sincrônica, faz da obra *Fim por nomear* uma possibilidade de vínculo entre realidade e poesia, formas intrínsecas de si em constantes transformações. E é desse modo, portanto, que há a evocação da imagem de um possível espelho à semelhança de Narciso naquele “fim” em si mesmo em seu reflexo na água, ou, pelo contrário, a alusão ao rio de Heráclito e sua destreza no que condiz ao indivíduo como uma espécie de “outro”, já que as águas são outras, e por isso, o fim é sempre recomeço de um contorno familiar, mas em rigor, à espreita e no escape de se deixar nomear.

## Referências

- Barbosa J. A. (2009). *As ilusões da modernidade*. Perspectiva.
- Borges, J. L. (1999). *Obras completas "História da eternidade" v.1*. Globo.
- Borges, J. L. (1999). *Obras completas "Outras Inquisições" v.2*. Globo.
- Kundera M. (1984). *A Insustentável Leveza do Ser*. Companhia das Letras.
- Pessoa, F. (1982). *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Ática.
- Pessoa, F. (1995). *Fernando Pessoa: Obra poética*. Nova Aguilar S.A.
- Salles, C. A. (1998). *Gesto inacabado: Processo de criação artística*. Annablume.
- Santos, S. (2018). *Éter*. Jaguatirica.
- Santos, S. (2021). *Silente*. Laranja Original.
- Santos, S. (2025). *Fim por nomear*. Edição de autor.
- Todorov, T. (2003). *As estruturas narrativas*. Perspectiva.

Reseña escrita por:

Ana Claudia Rodrigues.

Correo: [anac\\_redacao@yahoo.com.br](mailto:anac_redacao@yahoo.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0692-3928>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Brasil